

Nota de Repúdio e Indignação

É como antropóloga que me pronuncio com esta Nota motivada pelo projeto de um filme de terror sobrenatural, intitulado **Kara-í**, com seis episódios, escrito por **Marina Bendocchi Alves** e **Lucas Gesser**, que para isso buscam financiamento para uma co-produção Brasil-Alemanha. Tal filme pretende versar sobre o povo Yudjá e o conceito etnológico de perspectivismo ameríndio.

Recebi um arquivo em pdf desse projeto, com 39 páginas, por meio de uma mensagem de WhatsApp de Bel Juruna, mulher Yudjá que vive na Volta Grande do Xingu, no dia 29 de novembro. Bel solicitou a minha leitura por se tratar de um projeto redigido em inglês, idioma que ela ignora. Sentindo-se constrangida por não saber como responder às perguntas que lhe foram feitas, Bel supôs que eu poderia ajudar Alves e Gesser. O projeto contém uma sinopse, uma justificativa, o perfil dos personagens, uma seção com informações sobre os Yudjá do Alto Xingu, o contexto regional de desmatamento e mineração na Volta Grande e Médio Xingu, o roteiro dos seis episódios e, por fim, uma seção com informações sobre os Yudjá do Alto Xingu novamente.

A elaboração deste projeto ocorreu na surdina, com o completo desconhecimento dos Yudjá habitantes da TI Paquçamba da Volta Grande (Pará) e dos Yudjá habitantes do TIX-Território Indígena do Xingu (Mato Grosso). Nenhuma das lideranças das quase vinte comunidades Yudjá dessas Terras Indígenas foram consultadas quanto à utilização de seu etnônimo e quanto à apropriação de sua religião xamanística como matéria-prima para a indústria audiovisual de entretenimento. Mesmo Bel Juruna foi contatada primeiro por mensagem do Facebook, depois por WhatsApp, e as perguntas que lhe foram feitas versavam unicamente sobre aspectos da trama livremente inventados, de modo que tais perguntas não tinham mesmo qualquer resposta possível. Sequer foram feitas de um modo que deixasse claro seu caráter de livres invenções, e induziram Bel a imaginar que na Alemanha há uma jovem descendente de Yudjá que trabalha em um museu em cuja coleção há um “artefato” Yudjá que está se manifestando para ela, por nele estar aprisionado o espírito do avô da moça. Não sei o que disseram de mim a Bel, além de que eu estaria sendo de grande ajuda. Mas Bel se dirigiu a mim dizendo, em suas palavras, que eles tinham enorme acesso à minha pessoa.

O teor do projeto **Kara-í** é grandemente extraído — descaradamente plagiado — de dois trabalhos antropológicos meus, publicados como artigo (“O dois e seu múltiplo”, de 1996) e como livro (*Um peixe olhou pra mim*, de 2005), ambos baseados em meu trabalho de campo etnográfico, iniciado em 1984 e em curso desde então, entre os

Yudjá que habitam o TIX-Território Indígena do Xingu. Alves e Gesser nunca me comunicaram suas intenções antes de elaborarem seu projeto. Embora a violação do direito indígena de tomar ciência e avaliar segundo o seu próprio protocolo de consulta prévia e consentimento autonomamente definido, com transparência e com o tempo necessário para discuti-lo e julgá-lo entre si, sem a presença dos interessados, seja algo muito mais grave, Alves e Gesser foram excessivamente anti-éticos comigo.

Efetivamente me sinto lesada. Mas é para honrar o compromisso que tenho com os Yudjá do TIX que me disponho a escrever esta nota. Sinto que não é pequena a minha responsabilidade por um uso espúrio do conhecimento antropológico que produzi a seu respeito ao ser este tomado como fonte para uma apropriação não consentida e ilegítima das forças espirituais que dão consistência ao seu próprio mundo. E isso para fins lucrativos a serem obtidos por meio da indústria do entretenimento.

O projeto **Kara-í** efetua um trabalho de extração, de distorção e de falsificação sobre as três dimensões do xamanismo Yudjá tradicional que investiguei, descrevi e analisei entre 1984 e 2005.

Primeiro, o xamanismo orientado para o céu. A música das trombetas *duru*, pertencente a uma divindade celeste cujo nome as pessoas evitam pronunciar, em respeito a sua honra, e que corresponde ao mais alto grau da experiência do sagrado e de expressão da potência divina de que já tive notícia entre os Yudjá. Em seu projeto, Alves e Gesser transformam *duru* em um *Poltergeist* que deslança a intriga, e a música atribuída a essas trombetas pontua a série dos seis episódios.

Em segundo lugar, o xamanismo orientado para os espíritos *Y'ãnay* (os mortos) habitantes do interior dos rochedos existentes no rio, e as práticas de luto. Alves e Gesser atribuem aos Yudjá uma premissa cosmológica totalmente equivocada, a saber, que a relação entre os mortos e os vivos consiste em uma relação entre predadores-e-presas. O próprio enredo da história tem por fundamento a voracidade desses espíritos. Esta é uma imagem falsificada e falsificadora dos *Y'ãnay*, os quais representam uma fonte muito preciosa para o conhecimento da história antiga dos Yudjá, já que são eles que encarnam os modos culturais característicos e antigos em que os Yudjá do TIX se reconhecem como um povo diferenciado. As sequências previstas para o aparecimento dos espíritos sobre os rochedos por eles habitados, além de intercaladas por cenas de perseguição de garimpeiros assassinos, são enquadradas como perturbação mental de um doente. Depois da destruição, no mundo real do Brasil, de muitos desses territórios dos mortos — os rochedos — por dinamite e alagamento para a construção da usina de Belo Monte, a imagem conspurcada desses espíritos travestidos de zumbis pelo projeto de Alves e Gesser vem agora se oferecer como um sinistro correlato dessa destruição.

A terceira investida de Alves e Gesser está voltada contra o xamanismo da caça, tal como este se expressa nas relações com os porcos-do-mato, os quais são uma imagem condensada dos animais de caça. O último episódio da série, justamente, contém uma roteirização, levada a cabo com requintes ao mesmo tempo de ignorância e de astúcia, do artigo publicado por mim em 1996, tanto por confundir o que provém do material etnográfico com o que provém de hipóteses analíticas minhas (impróprias portanto para serem transformadas em visualidade sem uma grande dose de má-fé), como por fazer acontecer justamente tudo aquilo cuja atualização os caçadores Yudjá se dedicam a impedir.

Não tenho o sangue frio necessário para comentar a distorção literalizante e sensacionalista da cauinagem Yudjá como uma festa canibalística. Repudio a leviandade com que Alves e Gesser se aventuraram a “ficcionalizar”, às custas dos Yudjá do alto Xingu, bem como às custas do meu trabalho, em cima de relações que têm toda a centralidade e um altíssimo valor nos modos deste povo habitar a Terra. O que os autorizaria a afrontar com tanta ganância o direito de um povo aos seus próprios modos de fazer mundo, à sua imaginação e sua espiritualidade? Por que se supõem autorizados a tal? Os direitos territoriais indígenas que, sabidamente, são originários — inalienáveis — incluem seus direitos “culturais”, dos quais aliás nem são substantivamente distinguíveis para um ponto de vista indígena, como exprimi de um modo condensado e poético, por exemplo, o mote da Marcha da Mulheres Indígenas em 2019. “Território: meu corpo, meu espírito”. Os mundos indígenas são originários, as forças de que depende sua vitalidade não são negociáveis, elas são exteriores às leis de oferta e procura do mercado.

Repudio a atitude apropriativa e manipuladora de Alves e Gesser sobre o xamanismo Yudjá do alto Xingu. Sua investida, na surdina, contra a imaginação ontológica e a espiritualidade desse povo para transformá-la em produto para o mercado cultural. Percebo-a, pois, como um ato de indignidade, e mesmo como injúria, a caracterização do mundo Yudjá — o mundo por eles feito para si mesmos, que muito me acolheu e ensinou — com estes termos:

“Inspirados pela visão de mundo indígena, ou seja, a relação de caça entre os Vivos e os Mortos, exploramos as encruzilhadas onde o ordinário encontra o sobrenatural; onde as dualidades familiares entre sonho e realidade, passado e futuro, o espiritual e o terreno se desintegram, enquanto a audiência segue a jornada de nossos protagonistas Mundo dos Indígenas adentro” (p. 3).

Obviamente não pretendo saber como os Yudjá do Alto Xingu receberiam esse projeto **Kara-í** (com o perdão do trocadilho)^[1], retratando como “sua visão” um mundo em processo de catástrofe cosmológica, a fim de entreter uma audiência que extrai prazer de situações de tensão, ansiedade e medo. O que sentiriam e o que

diriam disso é algo que não pretendo adivinhar. Não me proíbo, porém, de imaginar que se porventura Alves e Gesser cumprissem o protocolo de consulta informada, ao qual têm direito os povos indígenas, explicassem a eles da maneira devida, franca e com lisura, o teor, as nuances (e a ausência delas), o conteúdo etnográfico e a livre manipulação deste conteúdo, o propósito, o âmbito da circulação do produto etc., talvez os Yudjá ficassem perplexos, indignados e furiosos como eu estou.

O extrativismo antropológico seletivo em cima do meu trabalho e dos Yudjá do alto Xingu não é tudo. Considero agora o caso dos Yudjá da TI Paquiçamba, de quem os primeiros se separaram há mais de 120 anos para ir viver a uma distância de mais de mil km. Um basta à ideia, posta na boca de personagens do filme, segundo a qual os Yudjá do Paquiçamba não têm cultura própria e produzem uma bebida fermentada que causa nojo. Um basta à tentativa humilhante de Alves e Gesser de pintá-los com as tintas extraídas do meu trabalho junto aos Yudjá do alto Xingu.

É inadmissível a garimpagem efetuada por Alves e Gesser sobre imagens e textos, sem menção às fontes, de publicações do ISA-Instituto Socioambiental, referentes especialmente à resistência dos Yudjá do Paquiçamba, junto a seus parceiros no ISA e seus parceiros acadêmicos reunidos no Observatório VGX (Volta Grande do Xingu). Cabe lembrar que deste observatório fazem parte pessoas Yudjá que atuam como especialistas no rio Xingu e como pesquisadores responsáveis pelo monitoramento e produção de conhecimento da devastação ecológica que vem sendo provocada pela hidrelétrica de Belo Monte, com quem temos uma troca de conhecimentos inestimável. Para os Yudjá (e seus parceiros do Observatório VGX), Belo Monte, como sustentam, **não** é um fato consumado! Reivindicam que sua cultura é o rio e a ciência dos peixes, a sua ciência.

A leviandade com que essas fontes do ISA são tratadas atinge o ápice com o perfil e a atuação dos personagens Yudjá residentes na TI Paquiçamba. Toda a forma e a política de resistência em rede e atuação coletiva são ocultadas (tratoradas, diriam ativistas da Volta Grande) em favor da atuação de dois personagens masculinos, armados com um celular e um drone, devotados loucamente à produção de denúncias que não levam a resultado algum. Enfim, dois Indivíduos aguerridos que pateticamente (por serem “índios?”), contudo, lutam em vão contra “o sistema”. Um clichê bem ao gosto do freguês. E isso é um projeto de filme de terror para o qual Alves e Gesser têm a impostura de justificar com o objetivo de “dar visibilidade” à luta indígena. O espantoso e preocupante é Alves e Gesser possam vir a dispor dos meios financeiros para coagir os Yudjá da TI Paquiçamba a trabalharem para eles, assim maquiando a horrenda imagem que lhes imputam. Entre elas, a condição de escravidão por dívida em sua relação com o personagem que é colecionador de arte e proprietário da ONG financiadora da proteção contra o desmatamento.

Minha grande preocupação é que Alves e Gesser, caso obtenham financiamento, consigam empurrar **Kara-í** aos Yudjá goela abaixo, como aconteceu com a Usina de Belo Monte, e como vem acontecendo com a Vertic — terceirizada da Norte Energia S. A. —, a qual atua compulsoriamente na Volta Grande desapossando os Yudjá de seus próprios projetos de vida, coibindo-os a trabalhar e empreender pequenas *plantations* de cacau — que logo recobrirão a terra indígena —, e fazendas de peixes.

Esta empresa, a Vertic, também está introduzindo a mecanização da arte gráfica Yudjá, com intervenção de designers de moda que decidem quanto à disposição dos padrões e das cores aplicados aos tecidos, desenham como os colares devem ser tecidos em miçangas a fim de transformá-los em produtos comerciais. Muito recentemente anunciou-lhes a “oportunidade” de vender os padrões gráficos para uma grife na Inglaterra! Com o completo desconhecimento dos Yudjá do TIX, os guardiões da arte gráfica, inclusive do ponto de vista dos Yudjá do Paquçamba.

Concebido e escrito em circunstâncias que manifestam um ato de violação do direito aos protocolos indígenas autônomos de **consulta prévia** informada e consentimento, o projeto **Kara-í** é, sem dúvida, a tentativa mais recente de investida do capitalismo colonial de expropriação ontológica e violação dos direitos indígenas. Depois do mercado fundiário, do mercado madeireiro, do mercado do ouro, avança agora o mercado da cultura. Ironicamente, é a grande repercussão dos movimentos indígenas ecológicos e ecofeministas no país e no exterior que enche os olhos dos **mercadores** da cultura, ávidos por oferecerem produtos exóticos “melhorados”, com “valor agregado”.

Assim afirmam Alves e Gesser:

“Para tratar a cosmologia e as experiências de vida dos povos indígenas com seriedade e respeito, contamos não apenas com importante trabalho etnográfico conduzido com os povos indígenas retratados como também com uma troca constante com eles. A colaboração com os Yudjá é fundamental e queremos que eles sejam ativamente envolvidos no processo de co-escrita e filmagem”.

Ora, evidentemente um projeto enviado em inglês a uma pessoa indígena que não domina este idioma não configura um modo legítimo de comunicação.

Se não buscaram o consentimento dos autores dos trabalhos antropológicos cujos nomes são mencionados no projeto (o meu e o de Eduardo Viveiros de Castro, não porém o do autor(a) do estudo sobre um ritual xamânico do povo Kawaiwete, vampirizado e altamente distorcido), se tampouco é verdadeira essa “troca constante” com os Yudjá, para a elaboração do projeto com o qual pretendem obter financiamento, pode-se temer — e isso seria muito grave — que a mencionada promessa de colaboração venha a se resumir, depois da hora, a tentativa de

angariar, por meio de recursos financeiros, o colaboracionismo. E de usar essa “colaboração” como uma maquiagem decolonial. O termo mais sexy do mercado da cultura: decolonial!

É o alerta que aqui deixo.

Um último aspecto de suma importância que Alves e Gesser parecem ignorar, não sei se de modo genuíno ou por astúcia, é o fato de que a teoria do perspectivismo **não é** uma teoria **dos** indígenas. É uma construção teórica originalmente assinada por mim e por meu colega Eduardo Viveiros de Castro, amplamente discutida, enriquecida, ampliada e aprofundada por colegas e por nós mesmos desde o ano de seu lançamento (1996). Se falamos dela como perspectivismo Yudjá, perspectivismo ameríndio, amazônico ou indígena, é porque queríamos assinalar o reconhecimento e o respeito que devotamos à imaginação e profundidade dos modos indígenas de pensar e habitar a Terra. A sua imensa sensibilidade para captar as partículas de subjetividade de seus outros. Essa teoria é fruto da nossa própria imaginação, e ela também depende de outras ferramentas que as da etnografia. É fruto inclusive da nossa imaginação política, ou seja, a percepção de que já era tempo de propor uma intervenção descolonizadora sintonizada com o estado atual da nossa disciplina no regime de conhecimento etnológico.

Repudio o projeto de Alves e Gesser por intencionarem propagar uma imagem do perspectivismo indígena como uma ecologia predatória. Não teriam eles percebido que é justo o contrário disso?

Marina Bendocchi Alves e Lucas Gesser não contam e jamais contarão com a minha cumplicidade. Me sinto lesada por sua decisão de captar recursos

financeiros adotando para isso uma conduta de aspirantes ao garimpo ontológico sobre o mundo originário Yudjá através do meu trabalho antropológico junto a esse povo.

Tânia Stolze Lima

Professora Aposentada do Departamento de Antropologia

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 2023

[1] Karai é um termo da língua Yudjá aplicado aos não indígenas: os Brancos.

Beatriz de Almeida Matos (PPGA-UFGA; Grupo de Pesquisa Ameríndia)
 Érika Pellegrino (Faculdade de medicina da UFGA - Campus Altamira)
 Daniela Silva- projeto Aldeias
 Marco Antonio Gonçalves - (PPGSA-IFCS-UFRJ)
 Anne-Marie Colpron (Université du Québec à Montréal)
 Joana Miller (Departamento de Antropologia/ UFF)
 Simon Moutinho Prado (Antropólogo)
 Stela Azevedo de Abreu (Antropóloga)
 Juarez Carlos Brito Pezzuti (NAEA/Universidade Federal do Pará)
 Antônio Rafael Barbosa. (Departamento de Antropologia UFF)
 Déborah Danowski (Núcleo Terranias , PUC-Rio)
 Sylvia Caiuby Novaes (Professora Titular, Universidade de São Paulo)
 Ellen Fernanda Natalino Araujo
 Maíra Bühler (Cineasta e mestre em antropologia pela USP)
 Roberto Romero (Antropólogo e documentarista, FaE/UFMG)
 Samuel Mello Araújo Júnior (Professor Titular Escola de Música da UFRJ)
 Gemma Orobítz (Professora titular, Departamento de Antropologia Social, Universidad de Barcelona)
 Natalia Quiceno Toro. Professora Universidad de Antioquia. Instituto de Estudios Regionales.
 Karine Cardoso Santos (Enfermeira - Projeto Xingu UNIFESP/EPM)
 Manuella Rodrigues de Sousa (Antropóloga e indigenista)
 Márnio Teixeira-Pinto (Professor Titular, Universidade Federal de Santa Catarina)
 Cristiane Costa Carneiro - Pesquisadora/Bióloga.
 Eloisa Araújo Ribeiro (Tradutora)
 Otávio Velho (Professor Emérito, UFRJ)
 Yabaiwá Juruna (Professor e Liderança Yudjá do Território Indígena do Xingu)
 Edilene Coffaci de Lima (Professora Titular, Universidade Federal do Paraná)
 Neila Soares (Doutora em Ciências Sociais, consultora independente)
 Celeste Ciccarone (antropóloga DCSO-PPGG/ UFES)
 Ovídio de Abreu Filho (Departamento de Antropologia, UFF)
 Marta Amoroso (Professora do Departamento de Antropologia da USP)
 Francisco Pazzarelli (Universidad Nacional de Córdoba -CONICET, Argentina)
 Vladimir Moreira Lima Ribeiro (Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
 Clara Flaksman (Departamento de Antropologia Cultural/IFCS/UFRJ)
 Júlia Otero (PPGA, UFGA; Ameríndia, Núcleo de pesquisa)
 Ana Claudia Cruz da Silva (Departamento de Antropologia - UFF)
 Lilia Valle (Antropóloga)
 Edna Xipaya (TI xipai, Liderança da Aldeia Tukamã)
 Helena Palmquist (Jornalista e doutoranda em Antropologia, UFGA)
 Susana Matos Viegas (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa)
 Katia Yukari Ono (Instituto Socioambiental- Ecóloga).
 Fernanda Arêas Peixoto (Professora do Departamento de Antropologia da USP)
 Karin Kayanno Yu Juruna (Território Indígena do Xingu-MT, Professor)
 Ana Gabriela Morim de Lima (antropóloga)
 Lorena França Reis e Silva (antropóloga - doutorado UFSC e membro do NEAI/UFAM)
 Cosmopolíticas - Núcleo de Antropologia (UFF)
 Eduardo Soares Nunes (Programa de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará)
 Andressa Lewandowski(Professora do Departamento de Antropologia da Unilab)
 Cibele Forjaz Simões (Departamento de Artes Cênicas do PPGAC)
 Rochelle Foltram (antropóloga)
 Majoí Favero Gongora (antropóloga)
 Cecilia McCallum (PPGA-UFBA)
 Paulo Maia (Antropólogo - Faculdade de Educação - UFMG)
 Geraldo Andreello (Antropologia, UFSCAR)

Inaiá de Carvalho (Centro de Trabalho Indigenista)
 Ana Alves De Francesco (antropóloga, Centro de Direitos Humanos e Empresas - FGV)
 Agenor Cavalcanti De Vasconcelos Neto (Prof. Colaborador do PPGSCA e pesquisador do NEAI-UFAM)
 Carmim Oxorô (artista visual trans)
 Gabriel Banaggia (antropólogo, Laboratório Dédalo - PUC-Rio)
 Laura Pérez Gil (PPGAA - UFPR)
 Ana Maria R. Gomes (Professora da FAE/UFMG)
 Uirá Garcia (Antropólogo, Universidade Federal de São Paulo- Unifesp)
 Fabiana Maizza (Antropóloga/ Universidade Federal de Pernambuco- UFPE)
 Marina Vanzolini Figueiredo (professora, Universidade de São Paulo)
 Valéria Macedo (antropóloga e docente na Universidade Federal de São Paulo- Unifesp)
 Suzane de Alencar Vieira (professora, Universidade Federal de Goiás)
 Associação Filmes de Quintal e forumdoc.bh (Belo Horizonte - MG)
 Clarissa Moraes Martins Morgenroth (Urbanista e Artista)
 Gabriela Carneiro da Cunha (Artista - Aruac Filmes)
 Rafael Fernandes mendes Júnior (Antropólogo- LInA -PPGAS-Museu Nacional)
 Gilton Mendes dos Santos (Antropólogo, Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
 Renato Sztutman (antropólogo, Usp)
 José Antonio Kelly Luciani (Antropólogo, Universidade Federal de Santa Catarina)
 Maria Gorete Neto (professora FAE UFMG)
 Júnia Torres (antropóloga e documentarista)
 Thiago Mota Cardoso (Antropólogo, Universidade Federal do Amazonas)
 Rosijane Fernandes Moura
 Miguel Aparicio (Doutor em Antropologia Social, Universidade Federal do Oeste do Pará)
 Luísa G. Girardi (Antropóloga, pesquisadora do NEAI/UFAM)
 Eunice Dias de Paula, linguista, Universidade do Estado de Mato Grosso
 João Paulo Lima Barreto - (Indígena Dr. em Antropologia). NEAI. Fundador do Centro de Medicina Indígena
 Carlos Machado Dias Jr. (Antropologia, Universidade Federal do Amazonas)
 Maria Cristina Cabral Troncarelli (Projeto Xingu/Unifesp)
 Juliana Leide Marques Bentes Barreto (Antropologia, UFAM)
 Marlene Ossami de Moura, Antropóloga, Instituto Goiano de Pré-História Antropologia/PUC Goiás.
 Rodrigo Souza Silva
 (Antropologia, Maynooth University)
 Marta Maria Amaral Azevedo (Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp Ex-Presidente da Funai)
 Paulo Junqueira, psicólogo, Instituto Socioambiental
 Tatiane Maíra Klein (Antropóloga, doutoranda no PPGAS/USP)
 Rosa Sebastiana Colman (Faind/UFGD)
 Els Lagrou (PPGSA- IFCS-UFRJ)
 Mariana Maciel Queiroz, 1enfermeira, Projeto Xingu/ UNIFESP
 Mônica Cidele da Cruz(Diretora da Faculdade Indígena Intercultural- Unemat)
 Luisa Elvira Belaunde, prof. Titular, Escola de Antropologia, Universidade Nacional de San Marcos, Lima, Peru.
 Bruna Franchetto (Professora Titular, PPGAS, Museu Nacional, UFRJ)
 Bianca Barbosa Chizzolini (Antropóloga, doutoranda no PPGAS/USP)
 Guilherme Henriques Soares (Antropólogo, Universidade Federal do Amazonas)
 Luiza Dias Flores (Antropóloga, Universidade Federal do Amazonas)
 Christine de Alencar Chaves (Departamento de Antropologia / UnB)
 Nicole Soares Pinto (Antropóloga, professora da UFES)
 Marcus A. S. Wittmann (Antropólogo, doutorando no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ)
 Ruben Caixeta de Queiroz (Professor Titular, DAA/UFMG)

Marcio Goldman (PPGAS-Museu Nacional)
 Txapina Juruna (professor, Território Indígena do Xingu-MT)
 Stelio Marras (professor de antropologia do
 Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo)
 Bia Lessa (Artista)
 Felipe Sussekind Viveiros de Castro (Professor de Antropologia, PUC-RJ)
 Tawaiku Juruna (Diretor da Escola Estadual Kamandu, Tubatuba, Território Indígena do
 Xingu)
 Marcela Coelho de Souza (Departamento de Antropologia - UNB)
 Ana Luiza Martins Costa (Antropóloga, Roteirista)
 Jayme Moraes Aranha Filho (Antropólogo)
 Jansen Zuanon (Biólogo, Pesquisador aposentado do INPA)
 Ingo Wahnfried (hidrogeólogo, professor do DEGEO/UFAM)
 Alberto Akama (Pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi)
 Sônia Magalhães (Professora da UFPA, Pesquisadora aposentada do Museu Goeldi)
 Janice Muriel Cunha (Bióloga, Professora da Universidade Federal do Pará-UFPA,
 Instituto de Estudos Costeiros)
 Mauro W. B. de Almeida (Antropólogo e Professor da Unicamp)
 Bel Juruna (Terra Indígena Paquichamba)
 Vicente Cretton Pereira (Antropólogo, Universidade Federal de Viçosa)
 Jaya Batista (artista)
 Eric Macedo (The Institute of Speculative and Critical Inquiry)
 Camila de Caux (Antropóloga)
 Priscilla Lessa de Mello (doutoranda em Antropologia)
 Elizabeth Ewart (Associate Professor of Social Anthropology, University of Oxford)
 Jamille Pinheiro Dias (Lecturer in Environmental Humanities, University of London)
 Frederico Rahal Mauro (Realizador audiovisual)
 Sonia Sobral (curadora de artes cênicas)
 Gustavo Lopes Cerqueira (Professor de sociologia da rede estadual do Rio de Janeiro)
 Mafalda Pequeno e Oliveira - Atriz
 Denilson Baniwa
 Dinah Oliveira (Professora e Pesquisadora de Artes Visuais, UFRJ)
 Manuela Carneiro da Cunha (Professora Titular aposentada da USP e The University of
 Chicago)
 Marcio Meira (Antropólogo, Museu Paraense Emílio Goeldi)
 Luísa Valentini (antropóloga, Centro de Estudos Ameríndios-USP)
 Michele Pinheiro de Souza (antropóloga)
 Renata Sette, pesquisadora, diretora e roteirista.
 Éthel Oliveira (Cineasta)
 Tatiana Lohmann (diretora e montadora)
 Lilian Solá Santiago (diretora e roteirista)
 Carina Bini (diretora e roteirista)
 Amanda Bortolo (Produtora)
 Marina Weis (Fotógrafa, Montadora e Diretora)
 Edileuza Penha de Souza (pesquisadora, roteirista e diretora)
 Daniela Marinho (Produtora)
 Edgar Bolívar (Antropólogo e Professor, Colômbia)
 Marília Librandi (Literatura Brasileira, Princeton Librandi/USP)
 Helena Assunção (Doutoranda de Antropologia PPGAS/Museu Nacional)
 Lucas da Costa Maciel (Antropólogo, Memorial University of Newfoundland, Canadá)
 Ruth Beirigo (antropóloga, indigenista na Funai)
 Rodrigo Lacerda (Cineasta e antropólogo, Universidade Nova de Lisboa)
 Thais Mantovanelli (Antropóloga, Instituto Socioambiental, Altamira)
 Fernando Barcia Sánchez (Universidade Complutense de Madrid)